

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO AO DIAGNÓSTICO DE DISLEXIA E ADOLESCÊNCIA

Livânia Beltrão Tavares (1)
li.vania@hotmail.com

UCES – Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales
UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

Resumo: Em uma sociedade onde ler e escrever são atividades consideradas extremamente importantes para que o indivíduo se adapte de forma satisfatória e obtenha sucesso profissional, dificuldades nesse processo podem ser consideradas extremamente estressantes. Diante disso, questionamos que estratégias são utilizadas pelos adolescentes diagnosticados com tal problemática. O presente artigo, parte de uma pesquisa maior, buscou discutir a literatura concernente ao assunto abordado, buscando analisar como pesquisadores e autores renomados contribuem com a temática. Para tanto, foi feita a consulta a artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados do scielo e da bireme, a partir das fontes Medline e Lilacs. Selecionamos os artigos por temáticas, conforme explicitado a seguir. Posteriormente discutimos os dados obtidos através da pesquisa realizada. A revisão da literatura indica que se encontram na comunidade científica poucos estudos referentes a estratégias de enfrentamento relacionadas a diagnósticos de dificuldades de aprendizagem e nenhum que trate especificamente do diagnóstico de dislexia. As pesquisas encontradas focam nas diferenças entre os sexos e idade no que se refere ao uso de estratégias de enfrentamento na adolescência. Conclui-se que há uma necessidade de mais pesquisas com esse objetivo.

Palavras-chave: Estratégias de enfrentamento, adolescência, dislexia.

Introdução

Vive-se uma sociedade na qual ler e escrever são atividades consideradas importantes para que a pessoa se adapte de forma satisfatória ao ambiente na qual está inserida, empecilhos neste processo podem ser motivos de angústia e ansiedade, além de trazer graves consequências à vida do indivíduo.

Quando fala-se de processo de aquisição da leitura, deve-se levar em conta que a criança, ao nascer, já se encontra imersa em um mundo onde letras, palavras e tudo a elas relacionado já existe; portanto, não é na escola que se dá início o processo, mas é nela que ele se estrutura. A aprendizagem da leitura envolve aspectos complexos e pode não transcorrer de forma satisfatória.

Desta forma, o diagnóstico de dislexia, dificuldade específica de leitura, pode ser confirmado apenas no início da adolescência, uma fase em que a criança passa por mudanças estruturais do ponto de vista cognitivo, pois seu pensamento, antes bastante concreto, agora passa a funcionar a partir de uma lógica mais abstrata, o que a leva a ser capaz de fazer

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

reflexões e inferências que anteriormente não conseguia. A fase inicial da adolescência, dos onze aos treze anos, quando o pensamento ainda é muito próximo ao pensamento infantil, é sobrepujada por outra, de quatorze aos dezoito anos, na qual a forma do adolescente solucionar problemas se assemelha à lógica do adulto.

Como a adolescência é uma fase em que o indivíduo ainda está dependente e não tem um repertório de estratégias consolidado, o diagnóstico de dislexia pode ser percebido como fonte de estresse para ele. O tempo transcorrido do momento do diagnóstico também pode ser utilizado para estabelecimento de estratégias para enfrentar tal realidade.

As estratégias que o indivíduo vai utilizar para lidar com a situação vão depender da avaliação que ele faz dela e do repertório que ele possui.

Diante disto, questiona-se quais estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico de dislexia podem ser encontradas em adolescentes de ambos os sexos, diagnosticados neste período?

Segundo Compas e col. (2001), a capacidade de se adaptar às situações de estresse pode ser considerada uma das etapas fundamentais do desenvolvimento humano e uma adaptação de sucesso inclui a forma como o sujeito administra suas emoções, regulando seu comportamento e agindo sobre o ambiente de maneira a diminuir as fontes de estresse.

González (2006) refere que os estudos atuais apontam a importância de se conhecer como os adolescentes encaram os desafios do crescimento, uma vez que enfrentam transformações físicas, que vão provocar mudanças na personalidade, gerando situações novas, onde terão que se posicionar diante de seus pais e amigos, além de se inserir no mundo social, acadêmico e do trabalho.

Lazarus e Folkman (1984) delimitam enfrentamento como diligências cognitivas e comportamentais em constante modificação, para gerir - compreendido como minimizar, tolerar, aceitar, tentar controlar as situações- necessidades internas e/ou externas específicas que o organismo avalia como sobrecarga.

O objetivo desse artigo é discutir a literatura concernente ao assunto abordado, buscando analisar como pesquisadores e autores renomados contribuem com a temática. Para tanto, foi feita a consulta a artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados do scielo e da bireme, a partir das fontes Medline e Lilacs. Selecionamos os artigos por temáticas, conforme explicitado a seguir. Posteriormente discutimos os dados obtidos através da pesquisa realizada.

Pesquisas sobre Estratégias de enfrentamento e adolescência

Costa, Mónica e Mota, Catarina Pinheiro (2012) analisaram a qualidade da ligação de adolescentes aos pares e do seu efeito preditor nas estratégias de coping dos jovens. Pretendeu-se ainda testar o papel moderador da configuração familiar e do gênero na associação entre a ligação aos pares e as estratégias de coping. A amostra foi composta por 311 adolescentes, 145 institucionalizados e 166 de famílias tradicionais, entre os 14 e os 18 anos, de ambos os gêneros. A recolha de dados foi realizada através da Rosenberg Self-esteem Scale (Rosenberg, 1965), Inventory of Peer and Parental Attachment (Armsden & Greenberg, 1987) e o COPE Inventory (Carver, Weintraub & Scheider, 1989). Os resultados sugerem que a qualidade da ligação aos pares se mostra relevante na predição das estratégias de coping adaptativas (coping ativo e uso de suporte social emocional).

Em outro estudo realizado em uma escola da rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre, em 2010, com 220 estudantes adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos, sendo 40,7% do sexo masculino e 59,3% do sexo feminino, compreendidos entre a 7ª série do ensino fundamental e o 2º ano do ensino médio Kristensen, Christian Haag; Schaefer Luiziana Souto e Busnello, Fernanda de Bastani (2010) utilizando o Inventário de Estratégias de Coping e a Escala de Stress Infantil mostraram que as estratégias mais utilizadas foram autocontrole, afastamento e fuga e esquiva, e as estratégias menos utilizadas foram as de confronto. Entre os indivíduos que apresentaram mais sintomas de estresse, as estratégias mais utilizadas foram fuga e esquiva, suporte social, confronto e afastamento.

Khatib Y., Bhui K., Stansfeld S.A. (2013) realizaram um estudo prospectivo, que teve como objetivo analisar a relação entre apoio social, sofrimento psicológico e sintomas depressivos na adolescência. Seus objetivos específicos foram mensurar se o apoio social é protetor contra o estresse psicológico e sintomas depressivos em uma população etnicamente diversificada de adolescentes e se as diferenças de apoio são refletidas por diferenças étnicas em sofrimento psíquico e sintomas depressivos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa longitudinal com 821 adolescentes. Os dados encontrados apontam que níveis baixos de apoio social foram associados prospectivamente a sintomas depressivos. O ambiente familiar pode ser uma fonte mais consistente de apoio em comparação com o apoio de colegas. Em comparação aos alunos brancos, os alunos negros eram menos propensos a apresentar distúrbios psicológicos, porém este dado necessita ser melhor investigado.

Em um estudo caracterizado como de corte epidemiológico prospectivo, que acompanhou por um período de dois anos 1615 adolescentes com idades entre 11 e 12 anos e

entre 13 e 14 anos, para examinar se os comportamentos de saúde e de risco à saúde física em jovens são fatores de risco para o sofrimento psíquico e sintomas depressivos, Clark C, Haines M.M., Head J., Klineberg E., Arephin M., Viner R., Taylor S.J., Booy R., Bhui K., Stansfeld S.A. (2007) encontraram que 10,1% dos homens e 12,9% das mulheres relataram o sofrimento psicológico no início; destes, 20% de homens e 33,7% de mulheres relataram sintomas depressivos. Após ter utilizado drogas ou estarem envolvidos em dois ou mais comportamentos de risco à saúde (tabagismo, uso de álcool ou drogas) no início do estudo previu sofrimento psíquico e sintomas depressivos no acompanhamento. Fumar, doença de longa data, obesidade / excesso de peso e não foram associados com a saúde psicológica mais tarde. Risco de má saúde psicológica no acompanhamento foi associado fortemente com a saúde psicológica no início. O estudo concluiu que a saúde psicológica no início foi o mais forte preditor de saúde psicológica no acompanhamento. Envolver-se em dois ou mais comportamentos de risco à saúde aumentaram moderadamente o risco de má saúde psicológica, o que sugere que as estratégias de prevenção realizadas podem reduzir a carga da doença.

Al-Bahrani, Muna; Aldhafri, Disse; Alkharusi, Hussain; Kazem, Ali; Alzubiadi, Abdulqawi (2012) em uma outra pesquisa de abordagem cognitivo-comportamental, examinaram os estilos de enfrentamento dos adolescentes, com relação ao seu sexo, idade e nível, em relação a seis tipos de problemas. Participaram 1843 adolescentes (51,7% mulheres e 48,3% homens) do Sultanato de Omã, com idade média de 15,75 anos. Foram administradas duas escalas que examinavam estilos de adaptação adaptativos e inadaptados e níveis de problemas escolares, econômicos, pessoais, de saúde, familiares e emocionais. Os resultados mostraram que os altos níveis de percepção de dificuldades dos adolescentes estavam associados a níveis mais elevados de estilos de adaptação inadaptados do que aqueles com baixos níveis de problemas. Além disso, as adolescentes do sexo feminino parecem usar estilos de enfrentamento inadaptados (em todos os níveis dos seis tipos de problemas) mais do que os adolescentes masculinos. Observou-se ainda que o uso de estilos adaptativos e inadaptativos de enfrentamento aumentam com a idade.

Outro estudo, de abordagem cognitivo-comportamental, realizado por Freire, Teresa e Tavares, Dionísia (2011) analisou a relação entre autoestima e capacidade de regulação emocional com o bem-estar subjetivo (satisfação com a vida) e com o bem-estar psicológico (felicidade e significado). Pretendeu, ainda, verificar a capacidade de predição do gênero, da autoestima e das estratégias de regulação emocional (supressão emocional e reavaliação

cognitiva) nos diferentes componentes do bem-estar. Participaram do estudo 216 adolescentes de uma população normativa de ambos os sexos. Foram administrados, a todos os participantes, quatro instrumentos para avaliar a autoestima, a capacidade de regulação emocional, o bem-estar subjetivo e psicológico. Os resultados apontam que a supressão emocional correlacionou-se negativamente com todas as medidas de bem-estar, enquanto a reavaliação cognitiva evidenciou correlação positiva mais significativa com os níveis de felicidade. A autoestima revelou correlação positiva forte com a satisfação com a vida e maior capacidade de predição do bem-estar do que as estratégias de regulação emocional. Conclui-se, que a autoestima revela ser uma variável importante na promoção do bem-estar dos adolescentes, assumindo-se como elemento fundamental numa intervenção clínica positiva e preventiva.

Cicognani (2011) examinou as diferenças de idade e gênero nas estratégias de enfrentamento usadas por adolescentes (N = 342; idade = 14-19 anos) ao lidar com estressores diários. Foram avaliadas as relações com os recursos de enfrentamento (auto-eficácia, apoio social) e o impacto do coping no bem-estar psicológico. As estratégias de enfrentamento foram medidas usando o Coping Across Situations Questionnaire (CASQ; Seiffge-Krenke, 1995). Os resultados mostraram diferenças de acordo com o domínio problemático. As estratégias mais utilizadas foram ativas e focadas internamente. As meninas usaram uma gama mais ampla de estratégias de enfrentamento do que os meninos. Foram encontradas correlações significativas entre estratégias de enfrentamento e recursos de enfrentamento. Além disso, a adoção de algumas estratégias afetou significativamente o bem-estar psicológico dos adolescentes.

Forns, Kirchner, Abad i Gil e Amador (2012) analisaram a especificidade de gênero no enfrentamento, levando em consideração os tipos de problemas enfrentados pelos adolescentes espanhóis que frequentam a escola. Esteve focado nos problemas mais relatados pelos participantes (828 adolescentes, 355 meninos e 473 meninas, Mage = 14,07, SD = 1,34), que foram classificados usando um sistema de classificação multi-axial. Foram examinadas medidas separadas de confronto e evasão, e uma medida combinada indicando o uso predominante do e o esforço total de enfrentamento. Os resultados mostraram que a porcentagem de tipos de problemas relatados por adolescentes diferiu de acordo com o gênero. A influência do gênero no enfrentamento foi pouco relevante quando o tipo de problema foi controlado. Não houve diferenças de gênero quando o tipo de enfrentamento predominante foi considerado, mas quando um esforço total de enfrentamento foi analisado,

as meninas mostraram mais esforços de utilização do que meninos para enfrentar problemas de relacionamento interpessoal e doenças pessoais.

Como parte de um maior projeto intercultural, esse estudo de Seiffge-Krenke, Inge (2011) analisou os estilos de enfrentamento de adolescentes finlandeses. Foi investigada uma amostra de 548 adolescentes de 15 a 17 anos de idade. Os estilos de enfrentamento foram definidos por uma matriz de 20 estratégias de enfrentamento aplicadas em oito diferentes áreas de desenvolvimento. A análise dos fatores revelou uma estrutura tridimensional dos estilos de enfrentamento. A primeira dimensão envolve atividades como buscar apoio ou aconselhamento (Active Coping), a segunda enfatiza a avaliação da situação do adolescente e a busca por um compromisso e a terceira inclui defesas como negação e retirada e pode ser considerado como disfuncional. Os adolescentes finlandeses mais frequentemente empregaram formas funcionais de enfrentamento como Active Coping e Internal Coping / Compromising: Estilo de enfrentamento disfuncional, como Retirada foi usado com menos frequência. Além disso, foram encontrados efeitos significativos na idade e sexo. As meninas privilegiam um comportamento mais ativo de apoio em comparação com os rapazes. Ambos os modos de coping funcional mostraram um aumento com a idade.

Verdugo-Lucero, Ponce de León-Pagaza, Guardado-Llamas, Meda-Lara, Uribe-Alvarado e Guzmán-Muñiz (2013) em um estudo de abordagem cognitivo-comportamental, que teve como objetivo verificar a relação entre o nível de bem estar subjetivo e estilos de enfrentamento ao estresse em adolescentes e jovens da cidade de Colima, México. Participaram deste 436 estudantes, entre 15 e 24 anos, foi utilizada a Escala de Enfrentamento de Lazarus e Folkmann e a Escala Multidimensional para medir o bem estar subjetivo (Anguas- Plata & Reyes, 1998). Os resultados indicam que os adolescentes de ambos os sexos mantêm uma maior média de bem estar subjetivo que os sujeitos jovens e que o estilo de enfrentamento que eles utilizam mais é a aceitação da responsabilidade, enquanto o menos usado é a evasão.

Alves e Dell'Aglio (2015) em um estudo transversal e quantitativo, que teve por objetivo conhecer a percepção de apoio social (apoio da família, professores, amigos e apoio geral) em adolescentes, considerando as variáveis sexo, idade e configuração familiar, no qual participaram 375 estudantes de escolas públicas da cidade de Porto Alegre/RS com idades entre 13 e 19 anos, que responderam ao instrumento Social Support Appraisals, encontraram que as meninas apresentaram média significativamente mais alta na escala e uma maior

(83) 3322.3222

percepção de apoio dos amigos do que os meninos. Não foram encontradas diferenças na percepção de apoio social considerando a idade e o tipo de configuração familiar.

Rozemberg, Avanci, Schenker e Pires (2017) buscaram identificar fatores familiares que influenciam o potencial de resiliência de adolescentes meninos e meninas. É um estudo transversal com dados de um inquérito epidemiológico que contou com a participação de 889 adolescentes do 9º ano de escolas públicas e particulares de um município da região metropolitana do Rio de Janeiro, selecionados por amostragem. Variáveis sociodemográficas do adolescente, da família, dentre os quais a violência familiar, e outros fatores são estudados segundo o potencial de resiliência. Foram feitos testes de associação entre as variáveis estudadas e a resiliência, considerados ao nível de significância de 5%. Os resultados indicam que um relacionamento difícil com a mãe ou madrasta, a ausência de supervisão familiar, a presença de depressão, além da baixa utilização de estratégias de coping de distração, ativo e de suporte são fatores associados ao baixo potencial de resiliência. As variáveis moradias suburbanas e um relacionamento familiar difícil se mostram nocivas apenas ao potencial de resiliência das meninas. Programas e políticas públicas necessitam trabalhar com as famílias para que compreendam as necessidades dos adolescentes como forma de prevenção dos problemas de saúde mental e promoção da saúde desta população segundo a ótica de gênero.

Pesquisas sobre enfrentamento de situações relacionadas à aprendizagem escolar e Dislexia com adolescentes

Firth, Frydenberg e Greaves (2010) realizaram uma pesquisa de abordagem cognitiva, na Austrália em 2010, através de uma análise comparativa, na qual os autores exploraram o efeito de um programa de enfrentamento e uma intervenção feedback de professores sobre 98 alunos adolescentes que tinham dificuldades de aprendizagem específicas. Os resultados indicaram um maior controle percebido de situações externas e aumento do uso de estratégias de enfrentamento produtivas para o grupo que recebeu o programa de enfrentamento.

Karande, Kumbhare, Kulkarni e Shah (2009) em outro estudo de abordagem psiconeurológica realizado na Índia, em 2009, com o objetivo de verificar os níveis de ansiedade de mães de crianças com dificuldades específicas de aprendizagem no momento em que elas recebem o diagnóstico, com 100 mães de crianças com dificuldades específicas de aprendizagem (70 meninos e 30 meninas). Os resultados apontam para a presença de ansiedade moderada no momento em que as mães recebem o diagnóstico e os pesquisadores

concluem que ela já está presente desde antes, pois as mães já suspeitam que haja algum tipo de problema, devido às queixas apresentadas. As maiores preocupações destas se referem ao futuro dos filhos.

Pesquisas sobre Estratégias de enfrentamento, dificuldades de aprendizagem/Dislexia e Crianças

Alesi, Rappo e Peppi (2012) em um estudo realizado em 2012, na Itália, com 56 crianças de 8 anos (23 meninas e 33 meninos) diagnosticadas com dislexia e comparadas a um grupo controle, sem este distúrbio. O objetivo dos autores era comparar as estratégias utilizadas por estas crianças frente às dificuldades de aprendizagem que elas apresentavam. Os resultados apontam para uma maior utilização em relação ao grupo controle, de estratégias auto incapacitantes e também a necessidade de mais estudos nesta linha de pesquisa.

Por outro lado, Terras, Thompson e Minnin (2009) através de outro estudo exploratório realizado na Escócia em 2009, com 68 crianças, com idade média de 11,8 anos, de ambos os sexos, diagnosticadas como disléxicas, com o objetivo de analisar os níveis de autoestima, usando o Perfil de Autopercepção para Crianças (Manual para o Perfil de Auto-Percepção da Criança da Universidade de Denver, CO: Denver; 1985) e ajuste psicossocial usando as Capacidades e Dificuldades Questionnaire (. J. criança Psychol Psiquiatria, 1997; 38: 581-586) e examinou a criança e a compreensão do pai, suas atitudes e o impacto percebido das dificuldades de leitura sobre a vida cotidiana. Os resultados apontam para taxas de dificuldades sociais, emocionais e comportamentais significativamente mais elevadas do que na população em geral e correlacionados com a autoestima. Quando os pais tinham atitudes mais positivas em relação às dificuldades, foram observados resultados mais elevados em relação à autoestima das crianças. Boa autoestima e uma boa compreensão da dislexia podem ajudar as crianças a evitar algumas dessas dificuldades.

Por fim, Morales Rodríguez, Trianes Torres e Miranda Páez (2012) analisaram o papel da idade e do sexo na utilização de diferentes estratégias de enfrentamento a situações de estresse em escolares espanhóis, sob quatro domínios da vida cotidiana: família, saúde, escola e relações com os pares. Participaram 402 crianças entre 9 e 12 anos, que foram avaliados através da Escala de Afrontamiento en Niños. Os resultados apontam que as meninas utilizaram estratégias de solução ativa, como comunicar o problema a pais ou adultos responsáveis, buscar informações e atitudes positivas enquanto os meninos procuraram mais

em estratégias agressivas, ou seja, enfrentamento improdutivo. Em relação à idade, os meninos e meninas menores utilizam-se mais de estratégias de fuga dos problemas. Este artigo reforça a importância do estudo do estresse e das estratégias de enfrentamento na infância e adolescência, além das implicações diretas na avaliação e intervenção psicoeducativa.

Análise e discussão

A revisão da literatura indica que se encontram na comunidade científica poucos estudos referentes a estratégias de enfrentamento relacionadas a diagnósticos de dificuldades de aprendizagem e nenhum que trate especificamente do diagnóstico de dislexia. As pesquisas encontradas focam nas diferenças entre os sexos e idade no que se refere ao uso de estratégias de enfrentamento na adolescência.

As investigações mencionadas contribuem de forma significativa, por abordarem a importância do apoio social, por mostrarem dados que apontam para diferenças no uso das estratégias de enfrentamento ao longo da adolescência, bem como por sinalizarem a possibilidade de programas que auxiliem esses adolescentes a desenvolverem estratégias de enfrentamento mais adaptativas.

Considerações Finais

A perspectiva de refletir sobre o que tem sido publicado no meio acadêmico, ao mesmo tempo em que aponta para limitações, próprias dos estudos científicos, enriquece com os avanços já vislumbrados e fortalece o empenho em contribuir com nosso estudo para o progresso da pesquisa na área.

Referências

ALESI, M., RAPPO, G., PEPPI, A. Self-esteem at school and self-handicapping in childhood: comparison of groups with learning disabilities. **Psychol Rep.** Dec, 111(3), 952-62, 2012.

AL-BAHRANI, Muna; ALDHAFRI, Disse; ALKHARUSI, Hussain; KAZEM, Ali; ALZUBIADI, Abdulqawi. Age and gender differences in coping style across various problems: Omani adolescents' perspective. **Journal of Adolescence.** V. 36, 2ª ed., p. 303-309, 2012.

ALVES, Cássia Ferrazza e Dell'Aglio, Débora. Social Support Perception of Adolescents from Public Schools. **Revista de Psicologia da IMED.** V (7), Nº 2, 2015. (83) 3322.3222

CICOGNANI, Elvira. Coping Strategies With Minor Stressors in Adolescence: Relationships With Social Support, Self-Efficacy, and Psychological Well-Being. **Journal of Applied Social Psychology**. Volume 41, Issue 3 p. 559–578, 2011.

CLARK C, HAINES M.M., HEAD J., KLINEBERG E., AREPHIN M., VINER R., TAYLOR S.J., BOOY R., BHUI K., STANSFELD S.A. Psychological symptoms and physical health and health behaviours in adolescents: a prospective 2-year study in East London. **Journal compilation © 2006 Society for the Study of Addiction**. Volume 102, Issue 1, pages 126–135, 2007.

COMPAS, B. E., CONNOR-SMITH, J.K., SALTZMAN, H., THOMSEN, A.H. e WADSWORTH, M. E. **Psychological Bulletin**, vol. 127, Nº 1,87-127, 2001.

COSTA, Mónica e MOTA, Catarina Pinheiro. Configuração familiar, género e coping em adolescentes: papel dos pares. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 17, n. 4, p. 567-575, 2012.
FORNS, Maria; KIRCHNER, Teresa; ABAD I GIL, Judit; AMADOR, Juan Antonio. Differences between genders in coping: Different coping strategies or different stressors? *Anuario de psicología / The UB Journal of Psychology* : Vol. 42, Nº 1, 2012.

FIRTH, Nola; FRYDENBERG, Erica; GREAVES, Daryl. Adaptive Control of Perception and coping: Programs for Adolescent Students Who Have Learning Difficulties. **Journal of Learning Disabilities**, 43(1), 77– 85, 2010.

FREIRE, Teresa e TAVARES, Dionísia. Influência da autoestima, da regulação emocional e do género no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. **Rev. psiquiatr. clín.** vol.38, no.5, São Paulo, 2011.

GONZÁLEZ, E. Norma Contini. **Pensar la Adolescencia Hoy**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

KARANDE, S.; KUMBHARE, N.; KULKARNI, M.; SHAH, N. Anxiety levels in mothers of children with specific learning disability, **J. Postgrad Med.**, 55(3), 165-170, 2009.

Khatib Y., Bhui K., Stansfeld S.A. (2013). Does social support protect against depression & psychological distress? Findings from the RELACHS study of East London adolescents. J Adolesc. ; 36 (2):393-402.

KRISTENSEN, Christian Haag; SCHAEFER, Luiziana Souto e BUSNELLO, Fernanda de Bastani. Estratégias de coping e sintomas de estresse na adolescência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 27(1),21-30, 2010.

LAZARUS, R. S., & FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.

MORALES RODRÍGUEZ, Francisco Manuel; TRIANES TORRES, María Victoria; MIRANDA PÁEZ, Jesús. Diferencias por sexo y edad en afrontamiento infantil del estrés cotidiano **Electronic Journal of Research in Educational Psychology**, vol. 10, núm. 26, pp. 95-110, 2012.

ROZEMBERG, Laila; AVANCI, Joviana; SCHENKER, Miriam; PIRES, Thiago. Resiliência, gênero e família na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva** [en línea] 19 (Marzo-): [Fecha de consulta: 7 de septiembre de 2017] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63030163003>> ISSN 1413-8123.

SEIFFGE-KRENKE, Inge. Adaptive behavior of Finnish adolescents: Observations on an intercultural comparison. **Scandinavian Journal of Psychology**. V. 41, Issue 3, pp.559–578, 2011.

TERRAS, M. M., THOMPSON, L. C., MINNIN, H. Dyslexia and psycho-social functioning: an exploratory study of the role of self-esteem and understanding. **Dyslexia**.Nov,15(4),304-27, 2009.

VERDUGO-LUCERO, J. L., PONCE DE LEÓN-PAGAZA, B. G., GUARDADO-LLAMAS, R. E., MEDA-LARA, R. M., URIBE-ALVARADO, J. I. & GUZMÁN-MUÑIZ, J. Estilos de afrontamiento al estrés y bienestar subjetivo en adolescentes y jóvenes. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 11 (1), pp. 79-91, 2013.